

UCRÂNIA: QUEM ESTÁ GANHANDO A GUERRA?

Por Gabriel Camilli*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Neste jogo global, o único resultado certo é que ninguém realmente ganha, exceto, talvez, aqueles que continuam vendendo gás, armas e ilusões.

Para começar, vamos ver como está a situação geral no campo de batalha:

- As Forças Armadas da Federação Russa (FAFR) continuam regularmente seus avanços e alcançaram ganhos territoriais de cerca de 200 km² nos últimos dias;
- As Forças Armadas da Ucrânia (FAU) mantêm uma postura firme dos seus sistemas de defesa e tentam realizar contra-ataques locais limitados;
- As FAU realizaram alguns ataques profundos contra infraestruturas em território russo, não decisivos para o desenvolvimento das operações, principalmente nas províncias de Kursk e Bryansk;
- As FAFR continuaram com seus ataques diários em profundidade, visando principalmente infraestruturas de energia e aquecimento;
- A Rússia lançou pela primeira vez em 21/11 um míssil balístico experimental (IRBM) chamado Oreshnik contra uma fábrica de armas em Dnipro;
- Frente Nordeste (*oblasts* de Kharkov e Sumy): as FAFR avançam de forma lenta e contínua seu esforço para reduzir o bolsão de Soudja para tomar este nó logístico e isolar as FAU;

- Frente Oriental (*oblast* de Luhansk): As FAFR avançam em Kupyansk e Chasov Yar;
- Frente Sul (*oblasts* de Donetsk e Zaporizhia): as FAFR avançam nos setores de Pokrovsk, Kurakhovo e Andreevka, fazendo um esforço no decisivo setor logístico de Kostiantynopil.

INTERPRETAÇÃO ESTRATÉGICA

Neste momento, sobre o desenvolvimento do conflito europeu, nos encontramos em um estado de espírito de medo criado pelas decisões dos intervenientes. Tudo está relacionado com os acontecimentos da semana passada. O gatilho foi a permissão da administração dos Estados Unidos para o uso de armas de longo alcance contra alvos em território russo.

Mas o que não está claro é que a liberação do uso desses mísseis só foi realizada para a área de Kursk. Aliados europeus como a Grã-Bretanha e a França fizeram o mesmo, permitindo à Ucrânia disparar mísseis de cruzeiro *Storm Shadow* contra um quartel-general russo na área de Kursk.

Ao mesmo tempo, assistimos a uma escalada de medidas por parte da Rússia. Existem também algumas ações que contribuem para esta “Guerra Irrestrita”, como o corte de dois cabos submarinos no Mar Báltico. Depois, há outros acontecimentos em que não é claro se foi utilizada guerra híbrida, por exemplo, houve irregularidades em duas centrais nucleares finlandesas e no sistema informático da British Airways. O destaque foi o lançamento do novo tipo de míssil hipersônico russo de médio alcance.

HAVERÁ UM RETORNO?

Como dissemos na semana passada, estamos novamente assistindo a uma escalada. Para que se tenha uma ideia, podemos imaginá-la como um jogo de xadrez: um lado faz um movimento, o outro responde a esse movimento. Ela aumenta lentamente, subindo a escada passo a passo, mas tudo permanece controlado e racional. O objetivo é subir e depois diminuir novamente. Agora há novamente uma escalada gradual em ambos os lados. A questão é: haverá um retorno ao próximo nível, para baixo ou para cima?

A administração Biden decidiu aumentar as apostas ao autorizar a Ucrânia a utilizar ATACMS para atacar alvos através da fronteira. Mas há que se ter em conta que os objetivos não são decisivos para mudar o atual destino da guerra: nenhuma base aérea estratégica russa, nenhum centro nevrálgico, apenas alguns objetivos táticos. Então, por que arriscar outra escalada nuclear com Moscou? Talvez para remendar o conflito mais “útil” dos últimos anos. Útil para quem?

De Washington, a perspectiva é clara: Biden quer deixar uma última marca antes que caia a cortina sobre a sua presidência e, talvez, sobre o próprio conflito. Zelensky, de qualquer forma, gerencia o conflito com sua habitual diplomacia esquizofrênica: num dia pede paz até 2025, no dia seguinte quer “atacar a Rússia”.

E, entretanto, os Estados Unidos continuam a enviar armas, enquanto a Europa, que agora está raspando o tacho, observa em silêncio. Talvez seja também por isso que o debate sobre os fornecimentos militares se tornou outra pantomima diplomática: a Alemanha e a Itália, por exemplo, se recusam a enviar mísseis de longo alcance como o Taurus, oficialmente porque *“exigiriam a presença de soldados no terreno”* ... não oficialmente, porque não querem estar diretamente envolvidas na retaliação do Kremlin.

GATO E RATO

Entretanto, Putin joga o habitual jogo de gato e rato: atualiza a doutrina nuclear russa para *“adaptá-la”* à situação e deixa Dmitry Medvedev bancar o mau policial, evocando apocalipses atômicos e uma *“terceira guerra mundial”*, por assim dizer, talvez concretizada com o novo míssil balístico intercontinental Oreshnik.

Mike Adams, professor de física e pesquisador científico, nos anuncia na *web*: *“Até agora, quase ninguém no Ocidente entende o que é o sistema de armas Oreshnik, que a Rússia acaba de demonstrar. Parabéns a Theodore Postol, Scott Ritter e Brian Berletic, as únicas três pessoas que encontrei que entenderam. Calculei a energia cinética das submunições (usando estimativas de massa) e examinei o que se sabe atualmente sobre essas armas. Minha conclusão? O Ocidente não tem ideia do que está enfrentando”* (em outro artigo continuaremos com este tema).

AGITANDO FANTASMAS

Do outro lado também se levantam fantasmas: *“O antigo comandante-em-chefe das Forças Armadas da Ucrânia, Valeri Zaluzhny, sustentou que o envolvimento direto dos aliados autocráticos da Rússia em seu confronto com a Ucrânia marca o início da Terceira Guerra Mundial.”* Estamos enfrentando a Terceira Guerra Mundial? E ele nos diz: *“Penso que em 2024 podemos ter a certeza absoluta de que a Terceira Guerra Mundial começou”*, disse Zaluzhny, atual representante da Ucrânia no Reino Unido, durante seu discurso na cerimônia de entrega dos prêmios Ukrainska Pravda UP100.

Por seu lado, o Kremlin continua vendendo gás e petróleo a preços inflacionados, enquanto a Europa, entre um embargo e outro, mergulhou na pior crise energética de sua história. O gás não vem mais da Rússia? Ótimo, mas o resultado é que as empresas europeias fecham, os consumidores pagam três vezes mais caro e o preço do gás dispara cada vez que Biden dispara um novo míssil.

Em relação ao gás barato, Angela Merkel, a ex-chanceler alemã, reapareceu nesta semana. Na *BBC* dizem: *“Se Angela Merkel não tivesse bloqueado a entrada da Ucrânia na OTAN em 2008, a guerra da Rússia naquele país teria começado mais cedo.”* Foi o que disse à *BBC* durante uma entrevista, na qual também insistiu que os acordos de gás que assinou com a Rússia visavam ajudar as empresas alemãs e manter a paz com Moscou.

Sob a liderança de Merkel, a Alemanha e suas grandes indústrias ávidas por energia tornaram-se dependentes de Moscou e, para isso, a Alemanha construiu

dois gasodutos diretamente ligados à Rússia. O presidente Zelensky descreveu esse gás barato como uma ferramenta geopolítica do Kremlin. A líder alemã disse à *BBC* que tinha duas razões para construir os gasodutos: de um lado, os interesses comerciais alemães e, de outro, manter laços pacíficos com a Rússia.

A verdade é que hoje a indústria alemã tem sido desproporcionalmente afetada pelas sanções à energia russa. E também quase toda a Europa, forçada a procurar outros fornecedores. Hoje os membros da UE compram gás natural liquefeito caro. As empresas dizem que estão paralisadas pelos custos.

E Zelensky? Entre declarações contraditórias e uma soberania agora reduzida às sombras, o presidente ucraniano tornou-se uma peça em um tabuleiro de xadrez onde o único objetivo parece ser não perder terreno para Moscou, ao custo de sacrificar todo o país. É incrível hoje pensar que, em abril de 2022, já existia um acordo de paz: mediado pela Turquia (que, como dissemos nesta coluna, foi torpedeado pelo inefável Boris Johnson e o Reino Unido) que previa uma posição neutra da Ucrânia, a retirada russa de Kiev e uma autonomia acordada para o Donbass. Mas depois, entre uma sugestão anglo-americana e “*temos que desgastar Putin*”, tudo desapareceu.

NINGUÉM GANHA?

A questão permanece: quem está ganhando esta guerra? Certamente não a Ucrânia, nem a Europa. Estados Unidos? Talvez, mas apenas no curto prazo. E a Rússia? Talvez, mas a um custo muito elevado. Neste jogo global, o único resultado certo é que ninguém realmente ganha. Exceto, talvez, aqueles que continuam vendendo gás, armas e ilusões.

Enquanto eu comentava estas linhas com um colega, ele, com muita precisão, fez e seguinte reflexão que achei interessante compartilhar com vocês: “*Olha, hoje isso é um grande buraco negro de pessoas e recursos e um jogo de soma zero para todos. Provavelmente ninguém ganhará nada, nem mesmo os ingleses, que vão perder sua ilha para hindus e muçulmanos.*”

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
